

OLGA GONÇALVES

**RUDOLFO**

*R. M. Gonçalves*



edições rolim  
lisboa

I

Então, eu estava ali.

Estava deitada na minha cama, e parecia tranquila.

Pousara os olhos além na vidraça, a adiar o momento, a perseguir o indefinível que sempre existiu no desânimo. O desânimo fica assim como um alto-relevo, e não tem palavras para dizer, tem apenas sinónimos e identidade.

Lá fora, os olmos, batidos pelo cutelo da tempestade. Percebi que também algo lhes acontecia, algo nada olímpico entrando inopinadamente pelo seu campo de ocultação.

Assim, eu estava no vazio daquele lugar. Uma câmara de cinema, virada para mim, cumpria o seu ofício: muitos olhos pequeninos, verdes, me fitando, concebidos para descerem pálpebras que vão sobrar no rio.



\*2551108555\*

Filozofická fakulta  
Univerzity Karlovy v Praze

Signatura	<i>DP 1634</i>
inventární číslo	<i>R-576/2004</i>
ROZVOJŇSKÁ KNIHOVNA	
Filozofické fakulty UK	
Mám. J. Palacha - 116 38 Praha 1	

Dentro do copo largo, assemelhavam-se a lentilhas em aquário, perdidas de um outro espaço, outro volume em cujo rótulo se lera o nome de Lorenin.

Já não sabia o que era o medo.

Já não lembrava o que era o pudor, o desejo de ser acariciada, o deleite em ver luz por trás de uma janela, a indulgência que favorece os outros e nos favorece.

## II

Tinha só, mas tinha ainda, os movimentos livres. E podia usá-los. Estilhaçar as marcas, dar repouso ao ser.

Olhei para o lado. O copo luzia, estava ali, não cessava o copo de tentar-me.

Segura-ol, pensei.

Enquanto imaginava a própria cena, enquanto me dizia ser em breve apodrecível, em breve lembrança amarrotada, soou o telefone.

Um coaxar de sangue nas artérias, a não delicadeza de interromperem o que a mim só já pertencia, sobrenadando o tempo.

A tua voz, porém, chegada do exterior, arrastava praças e carros, e frustes de granito que sondavam jardins, alpendres abobadados, todos acontecendo-me vertiginosamente em contacto físico.

## III

Não me debato com os registos da memória. Nessa zona, fui sempre transformando tudo em poesia. A poesia é um voo, fica à altura de um pássaro azul com as asas abertas.

Anónimo, telefonaste-me ao longo de muitos meses. Nesses instantes, eu pensava no bem e pensava no mal, como todos os que vivem solitários e se tornam quase primitivos.

Chegava sempre de noite o misterioso chamamento.

— Está lá?

Estendia o braço de dentro dos lençóis, agarrava o auscultador, comprimia-o depois contra o ouvido, suspirando e esperando.

— Não desligue, por favor. Peço-lhe. Preciso falar consigo.

Recusando identificar-te, atiravas uma nebulosa, o enigma circulava entre nós.

— Está lá? Oiça-me, preciso vê-la —, organizadas as tuas palavras.

É evidente que pouse o telefone no descanso.

É evidente que se não trata de um amigo.

## IV

Seja o que for que eu diga, em nada posso alterar o escrupuloso átomo do meu destino. De qualquer modo, o destino é a hora certa. Antes, vemo-la fosca, e nem lhe entendemos o contorno, o mecanismo.

Para trás, já tudo se vê. E bem. E bem.

O tempo.

Num curto espaço de tempo, tão curto que puderam contá-lo, puderam mesmo noticiá-lo. Sim. Descrito a negro sobre o papel. Com luz ácida. Luz diurna. Aquilo que na manhã seguinte passaram a comunicar: um acidente, a queda no rio, o término da ponte, o incêndio da viatura, três mortos na bocarra do Tejo, o Tejo em baixo a maiúsculas, preso a instinto de engolir tudo.

Assim: o Tejo engolira: um homem e duas crianças.

## V

Era sempre de noite que tu falavas.

Um gesto maquinal: estender o braço de dentro dos lençóis, segurar o auscultador, o mistério caminha sobre a tua voz de uma forma ritualista.

O mistério, porém, toma conta do mundo.

VI

O telefone retinindo.

— Está lá?

— Não desligue. Oiça-me. Sei tudo sobre si. Vou ter consigo.

A mão tremeu-me.

O relógio da sala batera as três menos um quarto da manhã.

Silêncio. Depois, um pequeno ruído. Fui eu pou-sando o auscultador. Rompia-lhe a voz, mas guar-dava-lhe a sombra.

## VII

Ao longo dos meses, de dentro do escuro, organizavam-se mais ou menos as mesmas palavras: 'Oiça. Deixa-me ir ter consigo?'

Do meu lado, propunha-lhe o vazio.

O vazio não cabe inteiro em nós. Alastra, sem cor ocre, azul, amarela ou turqueza, e paira em todas as superfícies. Sem cor porque ele é o vazio.

Fere. Ser assim igual ao vazio, ser um total sem rosto. Comecei a pensar: Tudo depende de mim.

Contudo, voltava: Será um criminoso? Será um assassino?



## VIII

Um dia, foi. Aconteceu de maneira suave.

— Está lá?

— Quem fala? —, oiço a minha voz em quietação, em serenidade. Como se o tricot se ergesse do sofá, pudesse caminhar, sentir, e te aceitasse, qual vento bom, presença de sentimento novo espraído em meu real.

— Quem fala?

— Daqui é o ladrão.

## IX

Do outro lado do fio, era o ladrão, informado e pronto para falar comigo. Porque ele sabia.

Sabia: Que dantes eu usava o cabelo curto e mudara de penteado; que guiava um Honda, estacionando todos os dias no passeio, em frente ao Snack; que saía invariavelmente a seguir ao almoço; que escrevia romances policiais, já lera um, gostara, talvez gostasse de ler mais outro; que tinha umas botas em couro amarelo, e vestia capa de fazenda bege; que ficara viúva, há tempo, ninguém soube dizer-lho ao certo; que perdera também dois filhos.

Rudolfo, os dias correram. Estou sentada a esta secretária, escrevo acerca de nós, da singularidade do nosso caso, se quisermos chamar-lhe caso. Mas podemos conferir-lhe um valor. Detenho-me. Estou sentada a esta secretária para o acto de sonhar.

## X

Ignoravas o reflexo do olhar impassível das lenti-  
lhas, o meu desagrado em não ser capaz de sorrir, o  
mal-estar que me advinha do luxo de ser matéria  
orgânica, porém sentindo em cima a vastidão do tecto,  
o tecto com a força toda de quem está vivo.

Desconhecias o que marchava em direcção a mim,  
dentro em pouco indecifrável me prenderia os dedos,  
acenderia velas, e chamaria a noite para fruir com ela  
o nome aberto no espaço de uma pedra.

## XI

No principio deste conto eu estava deitada, estava na minha cama e preparava-me para o escândalo de pôr termo à vida, quando a campainha do telefone se fez ouvir. Soou durante muito tempo.

Fora nesse preciso momento à cozinha buscar um copo de água, despejara-lhe as grageias todas de um frasco acabado de abrir, voltara para a cama, e ficara depois atenta à expressão do vento. Ficara a magoar-me nele, seguro indício de que me não alheara da vida, só que não lhe suportava a estranheza. A estranheza chamo eu o que nos é vedado, o que nos tiram do gosto, sendo jamais grandeza do nosso próprio intinto.

Então, o aparelho tocou.

Tocou excepcionalmente àquela hora, e porque era cedo, não pude imaginar que se tratasse do importuno que me falava de noite.

Ao ouvir uma voz afirmar ser o ladrão que tentara na véspera forçar-me a porta de casa (aproveitou o tempo em que saí, mesmo com alguns sintomas de gripe, a fim de dar o meu voto para as legislativas), fui assaltada do maior espanto por constatar que se tratava da mesma pessoa que de vez em quando me acordava há já perto de um ano.

Como de costume, repetiu ansioso: 'Não desligue, peço-lhe. Não desligue.'

Eu estava calma. Por certo, habituara-me. Percorrer o sentimento de temor, fixando-me depois no campo em que a chamada se tornou quase impessoal, melhor dizendo, tornou-se ela em maçadora rotina.

Ainda hoje me surpreendo, mas respondi. Nesse dia, respondi, e em tom amável. Um pouco solta. Contudo, à medida que falávamos percebi o lado orgiaco do jogo. Percebi como do medo nasce a astúcia, como o nosso plano primário se desvenda num segundo e, a par de tudo isto, o quanto eu estava carente ou pre-disposta para um intercâmbio.

O diálogo passou-se mais ou menos assim.  
Volto ao princípio.

O telefone a retinir. Estendi o braço direito de entre os lençóis, com a mão esquerda segurei o fio. Ao levantar o auscultador, vi levantar-se uma paisagem matinal, uma paisagem que se ria do meu suicídio. Quer dizer, eu não estava a gostar do que não pudera deixar de sentir, desse propósito em que me não reconhecia.

Quando a voz me pediu para não desligar, era mesmo isso o que, no mais recôndito de mim, eu desejava que me dissessem, e devo ter respondido sem impaciência ou afectação: Sim?... Quem fala?

— Daqui é o ladrão!

— Como? (*Brincadeira! Alguma vez um ladrão que tenta arrombar-nos a porta se faz no dia seguinte anunciar?*)

— O ladrão... Não acredita? (*Estou enganada, ou reconheço-lhe a voz?*)

— E, que ladrão? (*Começava o intercâmbio.*)

— Não aconteceu nada ontem em sua casa?

— Sim... (*A minha voz mais fraca, receosa, mas vou até ao fim.*)

— Em sua casa, ontem. (*Insiste a voz.*)

— É possível que se atreva a falar-me para discutir o assunto comigo? (*Animo-me! Lorenin pela janela fora!*)

— Queria saber se apanhou um grande susto.

— Você tem irmãs? (*A astúcia moralizante!*)

— Porquê?

— Alguma delas vive só? (*Sinto-me descer ao usar a fraqueza feminina, em que não acredito, como arma.*)

— Vivemos doze num quarto, ali à Graça. Mas não somos família.

— Ah! (*Baixei o tom.*) E, se alguma irmã sua vivesse sozinha, gostava que lhe fizessem o que você me fez a mim?

- Não! (*O ladrão a rir!*) Acho que cortava as mãos ao indivíduo.
- Bom. Isso, também não... (*Estou a capitular.*)
- Também não? Garanto-lhe que o fazia.
- Então qual é o seu julgamento do ataque de ontem à minha porta?
- Há mais de um ano que lhe queria falar. Você desliga sempre...
- E essa atitude deu-lhe uma razão... (*Interrompe-me.*)
- Não fui só eu. Estava com dois amigos.
- E qual é a graça em telefonar para mo dizer?
- Não é graça, vi os bombeiros chegarem daí a umas horas, subirem ao seu andar pelas traseiras, vi que não pode entrar...
- Você tirou-me a fechadura, mas não abriu a porta.
- Porque a deixou trancada por dentro! Você tem uma tranca! (*É verdade. Ele viu que tenho uma tranca!*)
- Ah... E então, assim, não podia abrir por fora? (*Gargalhadas do ladrão.*)
- Está lá? (*Irrita-me. Procuo já uma forma de provocá-lo.*) — Fugiu, calculo, porque sentiu gente.
- Quem lhe disse? (*Zangou-se. Parou de rir. Pelo tom de voz, zangou-se.*)
- Não pôde acabar o 'trabalho', não foi?

- Já pôs outra fechadura nova? (*Agora é ele a provocar. E é o cúmulo! O melhor será não responder.*)
- Puseram. Eu sei que puseram. Logo de manhã estava aí a carrinha da Chaves do Areeiro.
- Você viu? (*Sobressalto-me.*)
- Vi. Estava aqui na rua.
- Às nove e meia já estava aqui na rua?
- Já. Estava preocupado consigo.
- Preocupado comigo? (*O ladrão preocupado comigo!*)
- Sim. Quando vi chegarem os bombeiros percebi que lhe iriam abrir a porta por dentro e que você ficaria toda a noite sem poder fechá-la. Bem vê, era do-  
mingo, não encontrava quem...
- E isso dizia-lhe porventura respeito? (*Apres-sei-me a questionar.*)
- Dizia. Tanto dizia que não saí da rua toda a noite. Não queria que a matula se aproveitasse.
- Como?
- Tenho uns amigos que também a conhecem de vista.
- Uns amigos?
- Sim, uns companheiros. Como eu, vêem-na sair no carro todos os dias depois do almoço. Você tem um Honda, um Honda branco.
- Tenho.
- E... porque é que mudou de penteado?

- Como? (*O ladrão sabe que mudei de penteado!*)  
 — Ficava-lhe tão bem aquela franja! Foi pena. O cabelo assim puxado para trás fá-la mais velha.  
 — Isso tem alguma importância?  
 — Você tem um lindo cabelo encaracolado. Gostava da maneira como se penteava. (*Silêncio. Parece que está a ser inconveniente.*)  
 — Fale-me dos seus livros. Quando é que começou a escrever?  
 — Você sabe que eu sou...?  
 — Escritora. Sei. No princípio, julgava que era jornalista, mas depois ouvi uma conversa a um grupo, ali no Snack. Você deixa ali sempre o carro...  
 — Como?  
 — Você ia a passar, devia ir para o trabalho, um deles viu-a e começou a desenrolar.  
 — A desenrolar?  
 — Quer dizer, que escreve livros policiais, até disseram o nome de um de que tinham gostado muito.  
 — De qual? (*Isto interessa-me!*)  
 — 'Silêncio-Chave'. Já o comprei. Eh pá, achei giro à brava!  
 — Ah! Ah! Ah! (*Sou eu a tirar para o ladrão.*)  
 — Você ri-se?  
 — Então você não concorda que esta conversa tem graça?  
 — Eu, não. Estamos a falar do seu livro. Quando puder, compro outro... É coisa que manda muito bago os livros...

- Olhe, talvez eu... (*Não quero recordar o que lhe ia propor, mas calei-me a tempo.*)  
 — O que é que ia dizer?  
 — Nada, nada. Talvez agora me despeça. Boa-tarde...  
 — Por favor, um momento só, não desligue.  
 — Creio que já conversámos tudo.  
 — Peço-lhe, não desligue já. Tenho mais coisas para lhe contar.  
 — Para me contar?  
 — Sim, sim.  
 — Mas você nem me conhece...  
 — Conheço. Vejo-a todos os dias sair e entrar no prédio. De manhã, às vezes vai à frutaria. Vai ao correio. E compra o jornal. De tarde, vai para o trabalho.  
 — E isso diverte-o? (*O horror de nos sentirmos espiados!*)  
 — Não. Mas é bonito saber-se que vai aparecer.  
 — Bem, acabamos a conversa...  
 — Um instante só. Não me perguntou o meu nome.  
 — E diz-mo?  
 — Digo. A si, digo, Rudolfo.  
 — É mesmo Rudolfo que se chama?  
 — Sim. Para si.  
 — Ah para mim! Quer dizer que tem outro nome...  
 — Quando agora lhe telefonar, já sabe quem é.  
 — Já sei... (*Fico suspensa. Ele anuncia que vão continuar os telefonemas.*)

- Peço-lhe o favor de acabar-com-esta-brinca-  
deira-de-mau-gosto. (*Martelo bem cada palavra.*)
- Mas, eu fiz-lhe algum mal?
- Ainda mo pergunta?
- Eu queria ver se falava um dia consigo.
- E já falou.
- Ainda não lhe contei tudo. O resto...
- O resto?
- Que sei de si. Bem vê...
- Talvez se possa explicar melhor...
- Sei que é viúva. Que ficou sem marido, sem os seus filhos. Não me disseram bem como. Desastre, parece.
- (*Sou eu em silêncio.*)
- Desculpe, só queria dizer-lhe que sei...
- (*Sou eu apenas a ouvir, a voltar a ouvir a tempestade.*)
- Você não anda de preto.
- Tenho outra concepção do luto.
- Usa umas botas de couro e uma capa assim cor de café-com-leite escuro, mais claro do que castanho. Este Inverno tem andado sempre com ela.
- Quer dizer que no Inverno passado já me conhecia, isto é, (*Atrapalho-me, estou a cair em intimidade.*) no Inverno passado já andava, já andavam aqui na rua?
- Isso mesmo. E descobri-a logo. Só que não me lembro da roupa que punha. De Verão, você põe muita roupa branca.

- Sim...
- Há mulheres que gosto de ver de jeans, e você é uma. Ficam-lhe bem.
- (*Que responde? Ah ele ainda está a falar!*)
- Lá, as pessoas também se vestem muito de branco. Calças, camisas...
- (*Interrompo-o*):
- Lá?
- Pois. Lá, em África.



## XII

Era de África, De Angola.

Bem me apercebera daquele sotaque, essa fala mais musical do que a nossa, um jeito de correr com as sílabas e depois pousar lento numa palavra ou nalgum grupo de palavras.

Então eu começava a entender. Ele estava fora do seu lugar, longe da sua terra, o trânsito aqui era-lhe difícil, soava a proibido.

Mas jamais houve hipótese de manifestação, não servem para nada as manifestações, nem os retornados se lembraram de fazê-las. Cada qual tratava do seu, ocupando casas, ocupando barracas, muitos tiveram a sorte de ir parar aos hotéis, e houve os que se juntaram à família na província. Agora trabalham no campo.

Não há alojamento, ninguém nos empresta dinheiro para comprar seja o que for, mesmo uma máquina com que se trabalhe. Nem há empregos. Um, que veio

comigo no avião, aceitou pertencer à polícia de choque. Diz ele que é melhor do que estar no Jamor! Era onde ele vivia. Mas eu tenho raiva à polícia de choque, tenho zanga à repressão.

Como devem ter notado, Rudolfo passou agora a ser o narrador.

Continuava a telefonar-me obsessivamente, e eu atendia-o de súbito maravilhada pelo modo como entrara no seu olhar. Não, afinal, eu não fôra e jamais seria uma porta sob ameaça de assalto. Era o chamado da casa talvez com buganvília, dos parentes que perdeu, o universo luminoso que constituía um passado.

— O passado não se altera, disse-lhe um dia a meio de uma das nossas conversas. O passado está lá. Teve a hora certa.

— E então, quê? — perguntou abruptamente.

— O que foi bom e sentimos como inesquecível pode ajudar-nos a recobrar forças, a descobrir a beleza escondida em qualquer recanto do presente cênario.

— Ora! —, ripostou, agreste.

Não gostou. Além disso, já havíamos discorrido várias vezes. Aprendi mesmo que o meu estilo poderia oprimir o seu real, ouvi-lhe nesses momentos entretons de um gosto a ira, hostilizava-o a maneira que eu encontrava de recuperar o paraíso perdido.

Reconhecia naquela voz o sentido lírico de alguma das minhas crenças, penetrava dentro dela, havia

ali um espaço enovelado entre o que eu dizia e as próprias palavras.

Contagiava-me a sua animação, ela tomava conta do meu desânimo, exactamente como do meu cansaço.

Rudolfo era uma personagem entre personagens. E chegara do infinito.

Estava longe de imaginar o tempo que levaria a desaparecer do meu horizonte.

## XIII

Tão sofrido! Aos poucos, depois em cachoeira, foi-se ele revelando. Eu ouvia-o, e estava bem consciente de que dizermo-nos é doloroso.

Como se em longo passeio pelas ruas, hoje posso juntar os dados, contar sem muito esforço de memória o imaginável e o unimaginável em Rudolfo.

Nascera no Moxico, na Terra dos Luenas, a tribo do Amor.

O Luena é um afluente do Zambeze, observou. É ele que lhes dá o nome. Os pretos dali são alegres, são os pretos mais alegres de Angola.

Conhecera-os bem. Os Luenas gostam do batuque epiléptico, do jogo erótico da sedução, o desejo sangrando em seus sentidos.

Gritam batendo na mão para dosear o som. Riem, correm, seguem o rastro poeirento dos carros, dizem

adeus a todos os que passam a qualquer distância a que se avistem.

No interior das cubatas ostentam pinturas obscuras, a par de pequenas flores, grinaldas, poéticas silhuetas de animais que nos lembrem a vida.

Percebi ainda: o Luena exulta fumando liamba, cria espaços artificiais em que se enfeitça.

O Moxico? Terra de florestas e de rios, das vastas anharas onde corre a zebra e o antílope, dos lagos tranquilos onde, na época da chuva, sobe a marê-alta. Em seu porte, as florestas adensam-se: é a floresta que nasceu na anhara. Na anhara salta a caça e deslumbram os enxames das abelhas.

Mas a abelha foi trabalho de colono, dizia o meu avô. E da erva das anharas colhem a borracha.

Eu não sabia que ele pudesse falar de estatuária: a pose dos herbívoros contra a mancha dos finais de tarde, contra a horda de cores laranja, vermelho e salmão. A galhardia das manadas sob a proeza de uma nuvem de chumbo. O dorso ondulante dos animais em fuga ao caçador. A gigante figura do poeirame quase contendo esqueletos vivos.

Ah olhar os animais, olhá-los em carreira na terra que nunca viu arado! —, acrescentou arrebatadamente. E as fêmeas! Gostava que visse! Bonitas, com as crias! Faziam-nos pensar nas nossas mães, sei lá, em todas as mulheres, e até no próprio Deus!

#### XIV

No Moxico, Sim. Que o meu avô era funante, em Cassamba, terra de grande calor e de grande frio. Chamam-lhe 'Terras do fim do mundo'!

O trabalho do funante era a permuta, em troca de panos e de víveres recebia cera e borracha. Mas, quanto a ele, foi gente, singrou, deixou ao filho uma loja.

Só que o meu pai deu em se aborrecer daquele sítio.

Um dia, depois de longa ausência, apareceu em casa com a notícia: íamos mudar para o Norte, com-prara uma serração.

A minha mãe, coitada, amedrontou-se. Era o desconhecido, era a distância. Não houve nada a fazer porque só ele é que podia decidir, só ele é que mandava. E ela tinha do homem um cagunfo!

Ainda estivemos um tempito em Malange. Tipos a convencerem o meu pai a ficar por ali. Aquilo ali prometia, era o lugar dos traficantes de diamantes.

Mas ele não quis, achava sujo, dizia que gostava das mãos limpas. E lá seguimos viagem até às cercanias de S. Salvador.

Para a criança que eu era, foi duro. Nunca mais pude ver as zebras, os antílopes. As zebras listadas, a estremecerem o corpo, e que eu cheguei a montar! Nunca mais gritei às lontras no rio!

Vivíamos bem. Trouxéramos um preto Quiôco, o Cachapulula. Era. Cachapulula Curicanga, de seu nome todo. Tão dócil, tão manso como um cão, como um cachorro na boca da mãe.

E não se embriagava, jamais fôra nessas coisas de comer, de beber, de procurar rapariga nos lugares onde o baile sobe à cabeça.

Como todo o Quiôco, muito sério, mesmo disfarçando sentia-se que não gostava dos Luenas.

'Mulher Luena?... Francesa!' —, e cuspiu no chão.

Depois, num rompante: 'Oral. Homem ter culpa de ir na cama de qualquer mulher! Homem saber o que faz!'

Sentia-se que mulher Luena também o atraíra, limpava o suor às costas da mão, tinha contudo o respeito e a disciplina no sangue, partira connosco, deixara lá em baixo o Moxico.

Viagem comprida, sim. Talvez o percurso mais belo da minha vida, uma espécie de aventura, a de um tempo antigo que com outro novo se repartia.

E assim outros dias voltaram. Juntei-me ao meu pai no trabalho da serração, ainda não estava na hora de garotos brincarem a fazer espingardinha de fisga e bala.

Cachapulula era preto de coração grande. Mesmo agora, mesmo daqui, posso vê-lo estendido além na picada, estendido morto.

Entenda: igual, igual a qualquer um bem chegado, a qualquer um bem da minha família. Foi o homem melhor que conheci.

## XV

Em sonhos, a minha casa era a outra, no Moxico, o meu mar um reflexo do Luena.

O Luena era 'O Pai de Todos', tão importante como o Nilo para os Egípcios, segundo o que lhe ouvi.

E confirmei a versão de Rudolfo, ser esse rio o rio da abundância. A abundância bordejia por ali sem diferenciar os peregrinos brancos ou a fula gentia, a água se entrega às terras, inunda-as singelamente para torná-las férteis. A geografia do lugar perde-se em cor e em cor se recupera. Tudo está bem, sendo harmonia. Tudo constrói o espesso ou leve escorregar do tempo, e não crescem bichos a morder com raiva.

Qualquer estação afaga as valas, o sopé dos morros, os calhaus, os talos do capim, e não há espectros de astronautas na lisa cor da noite, nem mão com

nervo da metrópole, inquietante, nem voz palaciana golpeia os longes.

O Luena fora-lhe macio, interior, amestrara-lhe o riso no enredo inventivo da infância.

## XVI

A espaços, também registou a toponímia de algumas cidades e vilas de Angola.

Era um falar saudoso, como de areias sujas onde perde corpo o trabalho dos pioneiros, ou mais justamente, onde falha o encontro para a hora social feita nosso presente.

Assim, ao Ulige deram o nome de Carmona, e Dala Tando passou a conhecer-se por Salazar. A Lumbala chamaram Vila Gago Coutinho, como chamaram Vila Paiva Couceiro a Quipungo, e Vila Norton de Matos ao Balombo.

A exploração colonial, disse. Queriam apagar aquela língua. Como se os ventos pequeninos da anhara parassem de assobiar, e as sanzalas não fossem crescendo caminho da mata. Como se branco falando e xingando, e bagagem no porto, e luz de candeeiro, e

motor, e fósforo, e sabão e espingarda, e camioneta, e caminho de ferro, e tropa, e mesmo senhora branca a dar ordens, calassem os gritos na Senhora da Mu-xima. Calassem raiva de negro ou enxotassem ka-zumbis!

Gente não manda na vida de outra gente! —, observou.

Uma pessoa em casa, ou em musseque, ou em ca-noa, ou em rio de correnteza pescando peixe, ou ouvindo música sem grande ruído, e ver mudar tudo, como se o morro, o pasto, o gado, a cacimba, o mapa lhes pertencesse!

E pertencer, como? —, insistia.

Porque o Bailundo passou a ser Vila Teixeira da Silva, o Lubango Sá da Bandeira, Capenga Cavilongo foi depois Olivença-a-Nova.

Sei, soube tudo pelo meu pai que evitou sempre esses novos nomes. Nunca o ouvi chamar Vila Arriaga à Bibala, nem Sousa Lara ao Bocoio, nem Vila Gen-ral Machado a Camacupa, ou Nova Sintra a Catabola! O deslizar bruto de referências, pensei.

O meu avô nascera em Macedo de Cavaleiros. E o meu pai ria como um danado quando deram tal nome ao Andulo!

Alguns nomes resistiram, muitos, que a terra é grande! E terra não fala, guarda seu pensamento.

Quifangondo, Mucussuege, Chingongo, Coquembo, Nambuanguongo, Muxaluando, Ngola, Samba Cocoto

e Samba Cucala, Tunda Chivava: tantos, tantos lugares para homem nascer livre!

Eram palavras convincentes. Sem dúvida, Rudolfo vivera lá o seu idílio, o seu maravilhamento.

Pertencendo assim àqueles lugares, era seu filho, não era filho de colono.



## XVII

Falei-lhe de viagem longa realizada, de viagem comprida. Pode figurar para onde nos levou o meu pai? A serração era próximo de S. Salvador, bem chegado à fronteira com o Congo Belga.

Ficámos ali até ao último dia.

Chamo-lhe sempre o último dia, como se depois, rumando para aquela cidade, tudo fosse imagem das derrubas de Outono.

A luta anti-imperialista? Essa foi chegando, acontecería mais tarde, agora estou a contar-lhe de 61, no ano seguinte ao da independência dos Congolezes.

Ouvia-se falar de barulhos, diziam mesmo de operações, alguns afirmavam que era preciso ter armas. Preferível escondê-las, enrolá-las em cobertores, ou mesmo em jornais.

O meu pai não ligava.

'A serração é quem me governa! Vítórias, só no trabalho' —, e seria lá isto a sua crença, o que lhe importava que toda a gente devia pensar.

Outras vezes: 'Fomos nós os pioneiros! Vão lá ver, em Luanda, a estátua do Diogo Cão!'

Patriotismo, que ele também falava do Vasco da Gama, das descobertas, e gostava de imaginar Aljubarrota, e a força da espada do Nuno Álvares. Acredite: se tivesse vivido, ninguém, ouviu?, ninguém teria podido voltar-lhe o presente contra o passado.

## XVIII

Não creio, não estou certo de que os homens sejam todos iguais. A verdade é que uns não são os outros, e pior, cada qual anda à procura do mando. Naquele dia, apareceram de todos os lados.

Ouviu-se primeiro uma grande algazarra nas caçoeiras, os cães ladraram. Tratava-se de uma chusma de pretos dando batidas em direcção à nossa casa. Vieram-se a nós com espingardas, e mocas, e catarinas, com paus da mata. Pau preparado para vaziar olho, para furar corpo.

Do que vi, digo-lhe: vi. Não foi sonho ou fumaça. Sabe o que fizeram à minha mãe? Sabe?... Foi isso. Eram quatro, à vez, deitados a ela. E o meu pai amarrado a uma árvore. Ali, amarrado a ver tudo.

Não percebi se era sangue ou suor o que lhe escorria pelos olhos, pela cara. Cachapulula arrastou-me de sopetão para uma lavra próxima, duas cabras diante

de nós também fugiam. De repente, um estrondo. Tinham deitado fogo no gasoil da camioneta.

Eu tornara-me difícil, obcecado em não prosseguir caminho, só desejoso de valer ao meu pai, à minha mãe. Contudo, rodei nos pés, caí desmaiado, e quando dei pelo mundo estava longe, isto é, dei comigo junto a um homem velho, em casa de capim.

Um vulto aproximando-se, agachou-se, pôs-me o ouvido sobre o peito. Fiquei muito tempo sem compreender que se tratava de Cachapulula, que o outro preto era também Quióco, e seu amigo.

## XIX

Gemiam. Falavam baixo. Eu conhecia o dialecto. O velho é Muatangué, não estou tão longe assim.

Deitaram-me no chão. Já sinto o bafo do lume, do cheiro a lenha verde. Já sei que nem posso inventar palavras para recordar. Já sei que neste e noutro continente nunca existiram pontes, já sei que na raiva se trincam os pulsos e que também o ódio é trabalhável, já sei que nas velas do mar atracam armas, já sei que dedos vão amassar o estrume, já sei a milenar fogueira da carência, que piso o pó e não invento o rumo, já sei de voos fendidos nas alturas, de narrativas sem verdadeiras caminhadas, já sei que os homens não quem rem sentar-se nas cacimbas para fruir o balanço do sonho, já sei que nenhum tempo resgata afaga ou nos liberta, já sei que espero em vão um sorvo de água, já sei que não rebenta a flor nos cafeeiros e que do coio me vem espreitar a hiena, já sei a cantata de

estarmos circuncisos, já sei de quanta lava a perfurar a sombra, de quanta lágrima de cobra venenosa, se nada salvo em casa, se nada, se nada salvo.

O velho Muatanguê fala ainda.

Abro devagar os olhos. Calca as braças noachimbo. Oíço o estalar de galhos no fogo, sons nocturnos na voz de Muatanguê.

Cachapulula chora. Cachapulula dá vazão a um pranto que nem é de pesar, será uivo de lobo.

Neste instante, rebentou com os dentes duas latas de cerveja. Com a cabeça atirada para trás, bebe. É mau beber assim, penso, descendo de uma névoa.

Já entendi: meu pai serrado às mãos dos guardiões da morte, e minha mãe estandarte, rompida, pau aguçado em sua carne, pau ali nosso, medrado em chão africano, figura e gesto para o nosso olhar.

## XX

Tudo estava perto e quase tão distante como a mais fria noite. Registara-o, pesado e lento, como um pé no deserto.

Do massacre, não fora testemunha, contudo rasgavam-se-me os olhos de me sentir coabitando com a vida, em mútua privança e mesma geografia, sem que surgisse o meio de vingar-me.

Torci a boca. Ansioso, gorgolejava o sangue no aço da razão, e podia medi-lo claramente. Ou já era o luar que chegara das anharas para germinar tenro sobre os cadáveres do meu pai, da minha mãe.

Violento, o horror atingiu-me, tentei soerguer-me, agarraram-me as duas mãos de Muatanguê.

As mãos de Muatanguê percutiam algo, arborescendo as direcções do meu começo, detendo as formas circundantes que fecharam a terra e sabiam da morte.

Voltei-me, afundei o rosto nesse apoio que me puxava e logo apertava contra o corpo. O tempo humano caminhando no meu trilho. Negro sabe dar amor.

## XXI

Negro sabe dar amor.

Negro o convenceu de algo indemonstrável em palavras e apenas nossa sombra reconhece: que existe o tempo todo para nascer de novo. Que desde o princípio está sendo necessário levantarmo-nos, fugir à sedução da fraqueza, da clausura, está sendo importante construirmos distintos alicerces para um já outro abrigo.

## XXII

Não se podiam saldar contas. Nem Cachapulula o deixaria.

Recolhidos por um camionista, fugimos para S. Salvador, onde estava um mini-destacamento formado por quarenta militares.

Próximo, haviam estoirado as pontes.

A partir da meia-noite, começou a aparecer a Pide. Bichanavam. Mas pouco tempo foi. Desataram logo a seguir a falar da revolução dos pretos.

Chegaram reforços do Tôto.

Nós, acompanhando tudo com os cinco sentidos, porque tudo ameaçava aniquilar-nos.

Não se esperava senha ou contra-senha, a língua elementar nos indicava a saída urgente daquele local.

Digo como foi: No escuro de uma esquina, cruzando-nos com gente em confusão, saltámos para a via-

tura que no processo de afrouxar a corrida nos recebeu, e nos levava agora directos para o Uíge.

## XXIII

Sim, o Uíge, a que chamam também Carmona. Marcha para contar depressa.

As populações esbracejavam, corpos baleados, pesos arranjando gestos de matar.

Trinta quilómetros percorridos, procurando entender o enigma de tanto ardil e de tanto meandro, rajadas consecutivas, o último ronco do motor deixou-nos em Quiteche.

Esqueci dizer que todo o percurso o fizémos escoltados por coluna de tropa, já que somente assim se podia seguir em picada.

Quiteche arfava no recesso dos seus massacres.

Central de ódio e terror, ali se violava, apunhalava, esquartejava, e decepavam órgãos, e se vivia no perigo da pior emboscada.

Bala traz assobio. Zeniam milhares por cima das nossas cabeças. Indescrevível o tiroteio, a explosão de

rebutamentos dificultando a nossa passagem, nem tempo havia para correr lágrima ou para limpar lágrima.

Quase não lembro como rodámos fora dessa inferneira.

## XXIV

Era ao entardecer.

Era abominável e baça a claridade porque havia odores de animais erectos com mirada felina. Havia odores que subiam do lugar dos mortos para o lugar que vivos habitavam.

Atrás, na camioneta apinhada, devia eu ter nos olhos maior desordem que gazela perseguida por caçador.

Com dificuldade, Cachapulula aproximou-se, tocou-me no braço. Queria restaurar minha coragem, jurar se possível que um outro dia muito melhor vinha despontando.

Íamos embora. Saíamos de Quiteche. Com gesto preparado para defender.



## XXV

Íamos a sair de Quiteche.

Parámos. Julgou-se que o motivo fosse a falta de gasolina.

Olhando todos à nossa volta, depois em frente, vimos. Estava a estrada cortada, haviam cavado buracos enormes e disfarçaram-nos tapando-os com capim.

De súbito, um pedregulho bateu na chapa da camioneta.

Escondido por trás das árvores, mostrou-se o inimigo. Caiu em cima de nós com as catanas.

'Vão matar-nos!' —, gritei.

Cachapulula deitou-me ao chão, rolou sobre mim, cobrindo-me com o corpo.

'Fica quieto!' —, disse ainda.

E eu obedeci.

Nesse instante, um de entre nós mandou uma grana. Outro, também prevenido com arma, abriu fogo. Mas a acção foi interrompida por um rebentamento nas cercanias que pôs em fuga os assaltantes.

## XXVI

Alto e espadaúdo, Cachapulula.

Alagado em suor, sentia medo, achei-me a suportar mal o seu peso.

Devagarinho, ia primeiro desembaraçar-me daquele braço, que vi depois chegar ao horizonte pela vereda de travessia única.

Uma catana lhe retalhara as costas e atingira o crânio.

Perdi-lhe a hora, perdi-lhe o dia do mês. E mais até: desde então, nem sei como posso olhar duas vezes no espelho: o comprovar que existo. Esse homem deixou-se matar para me proteger.

## XXVII

Disse que lhe perdi a hora. Mas lembro que pas- sou alto um pássaro de grande envergadura. Baixou para sobrevoar o local enquanto eu, olhando o meu amigo, descobria que pode a dignidade caber toda num corpo.

Mas lembro que estava sentado no chão, encostado ao pneu da camioneta, e me dei conta do relógio de ponteiros luminosos no seu pulso.

Deve trabalhar ainda! —, cogitei.

Ergui-me, atirei-me a ele como um possesso, arran- quei-lho, e espezinhei-o. Queria parti-lo em mil pe- daços. Ponteiros luminosos sem que eu o visse cami- nhar, sem que jamais tenha Cachapulula me esperando à porta de casa?

Abracei-me ao preto, quente ainda, e ouvi os meus soluços. Queria desesperadamente poder tapá-lo com bandeira vermelha e negra.

## XXVIII

De catorze homens, cinco haviam escapado vivos. Um destes dias, pessoalmente, Rudolfo contou-me-ia da jornada até encontrarem uma povoação, de como surgira a alternativa de se juntar a outros já decididos a seguirem para Luanda com uma coluna militar.

Far-me-ia o relato. Da partida de Luanda para Benguela, onde chocara com aquele homem que vendera máquinas para a serração do pai. Dera-lhe de comer. Abrigara-o. Mudando, porém, a sua condição para a de escravo.

Aturou. Mas foi só até certa manhã.

Certa manhã, desperto muito cedo, largou tudo. Se era maltratado, não lhe devia fidelidade.

Partiu para a zona do Cavaco, às portas de Benguela, e por ali ficou a trabalhar numa plantação, na agricultura de bananas.

Pudera então gostar novamente de ver asa de boleta, fruto de tamarino escorrendo mel, cacho de acácia doirando ao sol, de ver semente, e caule brotando. Pudera tocar raiz.

## XXIX

Fizera a tropa em Nova Lisboa, aí cumprira trinta e seis meses.

Jamais falou da sua idade, vagamente aludindo à dos companheiros do grupo, rapazes entre os vinte e vinte e cinco anos.

Não faziam mal, assegurou-me.

Ninguém nos dá que fazer, entretemo-nos por aqui pelo bairro. Paramos muito na esquina, mesmo ao pé do Snack, será possível que não reparasse em nós?

Não, quando vou para o carro já estou apenas a pensar no meu horário —, assegurei um pouco tímida.

Respondeu-me com um silêncio que soava a reserva e a desconfiança.

Do outro lado, ao telefone, espreitava-me como por um postigo, desencadeando uma relação de forças.

Se as conversas com Rudolfo eram por vezes longas, a minha adesão a elas firmava-se no interesse

pela sua biografia, e pensava ganhar-lhe a confiança, a ponte certa que faltava para poder vir a ajudá-lo.

Andava atenta ao que se dizia dos retornados, entabolei conversa com um que abriu um restaurante nesta mesma rua, talvez algum dia me fosse permitido apresentar-lhe o jovem.

Comprei no alfarrabista da Trindade um mapa de Angola, e também um livro muito curioso sobre uma rainha negra, de nome Jinga. Sim, Jinga, rainha de Matamba. Poderosa, bonita e cruel.

Mas Rudolfo não conhecia, disse nunca soubera.

#### XXXX

Sugeriu que nos encontrássemos.

Que me não falara ainda do que passara na altura da independência para chegar em traineira a Luanda, dez pessoas numa pequena embarcação, fôra necessário deitar carga ao mar.

Descreveria isso de que por aí se falava, da ponte-aérea, em 75. Dos dias e das noites que teve de esperar no aeroporto no meio de uma multidão que sabia de massacres, de crianças degoladas, de cordas que enforcaram, e de homens ofegantes com as tripas na mão. De cabeças espetadas nos postes e no alto das árvores. Coisas muitas, reais, que decidira esquecer.

No aeroporto doera-lhe o estômago, a cabeça, tivera paludismo, e outro avião chegara, e outro avião partira.

A espera, pertencendo a todos, apontava a direção do futuro.

Como uma máquina fotográfica, ajustavam-na ao olho, seguravam-na, fixando à uma o mesmo ponto.

## XXXI

Ao sugerir que nos encontrássemos, fiquei perplexa, apesar do fascínio de tal projecto.

Queria afinal viver sob o signo da segurança, e a idealização da nossa amizade fora atingida.

Estava sentada num sofá da sala, cruzei a perna, apertei a mão ao auscultador. Não encontrando uma desculpa amável para adiar por uns dias a data do que Rudolfo já planeava.

Nervosamente, mudei de lugar o telefone sobre a mesinha baixa. E, sem querer, devo ter desligado o aparelho.

'Está lá?!... Está?'

Ninguém responde. O silêncio é de chumbo. Fico à espera, mas não chama de novo. Automaticamente deve ele ter percebido estar perante um caso de inoportuna distração.

## XXXII

Durante mais de quinze dias corri para o aparelho ao primeiro toque.

O facto parecia-se a uma execução porque era sempre outra pessoa, e não Rudolfo, quem me falava. Talvez pensasse que desliguei propositadamente. Humilhei-o, concluíra desde o início.

Com certo custo, dei-me à tarefa de aceitar aquele silêncio. Fora em silêncio que eu julgara haver entre nós uma jura de lealdade. Que por causa disso, e a pouco e pouco, receberíamos um do outro os verdadeiros ecos. Por causa disso, a nossa amizade ou mesmo a nossa existência começava a existir. Eu recomeçava. Recomeçar é começo, não?



## XXXIII

Em breve chegaria o Natal, mudei de ideias, parando-me para conhecer Rudolfo a despeito das recomendações do António que estava ao corrente do projecto.

Ainda te vais meter em sarilhos! Olha, o melhor é trazê-lo para casa, tomam aqui café, depois despeja-te a mobília, mas não te força a porta e poupa-te a despesa de nova fechadura!

Eu ria. Serena. O Rudolfo voltara a chamar, não estava magoado, compreendera o caso do telefone, mas achara-se muito ocupado. Um companheiro fora metido dentro, não conseguiram safá-lo, disse. Mas fechou-se no maior mutismo quanto a pormenores, o que facilitou o nosso diálogo, visto um certo pudor me impossibilitar de considerá-lo como um ladrão. De resto, a palavra 'ladrão' nunca mais surgiu nas nossas

conversas. Bem no íntimo, eu queria desconhecer esse lado do seu universo.

Éramos amigos, relação que traduzia no melhor que tinha ao seu alcance. Por exemplo: Fez questão em me prometer que jamais algum dos companheiros tocaria em algo que me pertencesse, guardava-me até o carro, e aconselhou-me a estacionar na rua de cima.

Eu não cedia. Rejeitava comprovar a espécie em que ele se ia tornando. Alguma vez, alguma noite, ele viria à tona. E límpido. Naquele rapaz um tal caso de mobilidade não seria eterna.

Esgotara os pedidos para lhe encontrar emprego. Mesmo assegurando que se tratava de pessoa honesta, com vontade de se integrar. Os estudos na escola primária eram insuficientes, e para além do trabalho da serração ele apenas conhecia a aventura da caça.

Tínhamos o Natal próximo. Comprei-lhe uma camisa bege (pareceu-me que falara em tom apreciativo na cor da minha capa), fiz um lindo embrulho num papel em que estamparam azevinhos, passei-lhe fita vermelha com que dei grandes laçadas.

Chegara o momento. Esforcei-me por parecer natural quando o convidei para um café no Snack. A ideia de me encontrar com ele pessoalmente obcecava-me, a verdade é que por causa de Rudolfo já começara a escrita de outro livro.

— Desço por volta das onze e meia, — sugeri.

— Está certo.

— Como você me conhece, poderá dirigir-se a mim quando eu chegar.

— Acho bem.

— Então que dia poderá ser?

— Escolha, você escolhe.

— Qualquer manhã... Veja lá...

— Vou pensar. Vou pensar e depois telefono-lhe. Mas é assim tão complicado marcar um dia? *(Não dá resposta.)*

— Está a pensar?

— Sim. Que é muito bonita.

— Que disparate! *(Vai abusar!)*

— Que o pessoal nem vai crer!

— Deixe-se de brincadeiras.

— Desculpe, desculpe, eu sou assim às vezes... Podemos tomar uma bica logo que você diga. Telefone amanhã.

## XXXIV

Fiquei desmotivada.

E, uma vez, porque tinha de correr para uma reunião, outro dia porque ele estava ocupado ou não telefonava, chegou a véspera de Natal e o embrulho da camisola para o Rudolfo continuava sobre a cadeira do meu quarto.

A campainha retiniu, logo de manhã, no dia 23.

Finalmente, havia-se marcado essa data. Eu entraria no Snack, sentar-me-ia a uma mesa, enquanto do seu posto ele escolheria a ocasião de se aproximar.

Levantei o auscultador. Do outro lado do fio, uma voz ensaiando um tom estranhamente jovial:

— Daqui fala o ladrão!

— Está lá? —, repeti, sem poder acreditar que se tratasse de Rudolfo.

— Sou eu, sou. Rudolfo!

— Então, posso descer? (*Não percebo, mas soa*

qualquer coisa a falso.) Está aqui na rua?

- Estou. Pode... Não, não desça.
- Como? (*Algo se passava de novo, algo se cahar insólito.*)
- Não desça.
- Mas, então, não combinámos? Quero dar-lhe um presente de Natal.

— Não posso.

— Também não pode hoje?

(*Fez-se silêncio.*)

— Está?... Rudolfo?

(*Agora começou a rir.*)

- Não percebo esta brincadeira...
- Pronto. Eu digo-lhe. Digo-lhe já e desligo.
- Estou à espera.
- Não vou ao Snack, não nos vamos conhecer.
- Não nos vamos... Não vai... E porquê, pode saber-se?

— Decidi.

— Não quer dizer-me a razão?

— Você sabe-a...

— Eu?... Eu sei a razão?

— Agora é você quem está a brincar comigo.

— A brincar, como?

— Este encontro... Você quer é entregar-me à Polícia!

Desligou. Perante a minha enorme surpresa e o horror de que tal pensamento atravessasse a mente de Rudolfo.

## XXXXV

Só passado algum tempo, no silêncio da noite, quando eu buscava uma interpretação para a personagem que de tal modo entrara na minha vida, e que fora pessoa, e se centrara num facto, o telefone retiniu e a voz de Rudolfo transbordou como transborda a onda em magnífica praia.

— Está lá?

— Sim!... Rudolfo?!

— Não esperava por esta?!

— Sim... Bem, não esperava.

— Zangou-se no outro dia?

— No outro dia?... (*Ponho um tom distraído.*) —

Ah não! Por onde tem andado?

— Por aí. Julguei que estivesse arrelviada...

— Não, não estou. (*Quero ganhar a confiança de Rudolfo.*) — Claro que me pareceu incrível que tivesse pensado que eu...

- É isso. Como é que você quer que eu tenha a certeza de que não vai entregar-me à Polícia?
- Ó Rudolfo! Você sabe que eu até pensava encontrar-lhe algum dia um emprego!
- Um emprego? Coisa que não existe! Além disso, já tenho...
- Já tem? (*Enervo-me.*)
- Sim, o que você sabe...
- Ó Rudolfo! Como pode falar assim?
- Oiça, estou com pressa. Olhe, não volto a falar-lhe.
- Mas, espere aí...
- Um destes dias, garanto-lhe, dou-me a conhecer. Um destes dias, quando menos o espere, há-de saber quem sou.
- Um destes dias?
- Sim, antes de mudar de bairro.
- Está a falar a sério?
- Há-de saber, hei-de mandar-lhe um sinal.
- É porque diz que vai mudar de bairro? (*Dentro de mim deambula a esperança de que alguém o estará salvando.*)
- Bom, eu... Não sei se fico em Lisboa, se deixo isto e vou para a província.
- Parece-me uma óptima ideia! (*Acho que no campo lhe acharão um trabalho capaz.*)
- Bem, tenho de ir.
- Rudolfo... Você...?
- Adeus. Hei-de mandar-lhe um sinal.

## XXXVI

Era ainda Inverno. Era quarta-feira.

Era o primeiro tempo depois dessa ausência. Ou da perda do que já soava como indispensável.

Eu caminhava em direcção ao passeio onde habitualmente estaciono o carro, apesar das recomendações de Rudolfo.

Tinha de estar no trabalho às duas.

De súbito, junto ao Snack, um grupo de jovens parados na esquina aponta-me o luxo que é viver na superfície milenar da liberdade.

Vestem jeans e camisas de algodão.

Sigo-lhes os movimentos. Um, de entre eles, delgado e muito alto, deixa os outros e aproxima-se. Tem o andar flexível.

Estou a escolher, no molho das chaves, aquela com que possa abrir a porta do Honda.

Agora chegou junto de mim, quase me toca. Agora estou com medo porque me fixo no instante, e o instante parece maior do que o mistério da nossa relação. Volto-me, e dou com uns olhos verdes num rosto de pele dourada. Não consigo pôr um ar solto, indifferente. Sorri. Descubro-lhe a timidez. Nem um nem outro percebe afinal o que nos domina, mas será algo a emergir de um fio de água, e que amanhã é cheia a ameaçar dilúvio.

Dobra-se um pouco, e oiço-lhe: 'Tem lume?'

Vejo-o segurar no cigarro que leva à boca.

'Não, eu não fumo.'

Nem fumava nem conseguia reconhecer a minha voz, pois que parecia outra, chegando do assombro. Fita-me demoradamente. No fundo desse olhar, uma interioridade que pertence aos dois, de ambos um dado histórico.

'É ele! —, penso. 'Nesta abordagem manda-me o sinal prometido.'

Ligo a ignição. O carro dispara. Cortado o cordão umbilical, as pontas dos dedos que seguravam a aventura.

## XXXVII

Tenho de fazer uma repetição e cuidarei de ser mais minuciosa.

No princípio deste conto eu estava em casa, estava no meu quarto. Estendida na cama, sentia-me febril e avisara que não ia trabalhar.

A um dado momento, levantei-me e fui à cozinha, tirei um copo do armário, enchi-o com água do Luso (raramente me chega a sede, e o ter de tomar um comprimido era pretexto óptimo para ingerir algum líquido, cumprindo assim as recomendações médicas). Embora haja várias correntes, pensava eu. A Helena é macrobiótica, segue outras regras que até certo ponto se ajustam mais a mim.

Pousara o copo. Andava cansada, e o António passara por aqui há pouco, no regresso do St.ª Maria.

Olhou-me e disse: 'Trabalhas de mais. A Primavera puxa por nós'. Em seguida, tirou do bolso do

casaco uma caixa com as tais bombas eficazes que são as multivitaminas. E convenceu-me: 'Vê lá se tomas isto.'

Conheço o António desde criança. Foi ele quem naquele dia me trouxe a notícia do acidente. Quem tratou de tudo. Ficou ali a noite inteira, diante de mim, sentado no maple.

Sem discursos inúteis, sabe dar a imagem inteira da sua amizade.

Uma vez, lancei-lhe um desafio: 'Devias ser missionário!'

Ao que respondeu, serenamente: 'Para quê? Para ir para a Índia? Para as Áfricas? Olha, a Índia e as Áfricas andam por aí.'

Encolheu os ombros, depois de apontar a rua.

Tem um reportório incrível das desgraças que existem por esses bairros: a promiscuidade, a doença, a prostituição, a droga, o alcoolismo, os piolhos, numa série de histórias que nos trazem ao sono uma tripulação de pesadelos.

Voltemos a essa manhã. Às nove e meia vieram da Chaves do Areeiro para arranjar a fechadura da porta. Tudo feito com grande rapidez, e ainda me deram um jeito à da cozinha, nas traseiras, já que os bombeiros tiveram de forçá-la pelo lado da varanda a fim de poderem entrar.

Voltei depois para a cama, não me sentia bem. Pousei o copo e fiquei a olhar para ele. Não tinha bebido a água toda. Ao mesmo tempo, ouvia o vento,

lá fora o vento era parte da tempestade. Traz temporal, diria o António, que nasceu na Nazaré e é sábio em coisas sobre o mar, os barcos, as lendas dos pescadores.

Não poderei dizer quanto tempo estive assim, talvez tivesse dormitado, até que tocou o telefone e surgiu a voz de Rudolfo.

Neste conto, o Rudolfo é real. As multivitaminas é que foram transformadas em Lorenin. E o narrador, à partida, necessitou criar um situação dramática que servisse de pano de fundo à cena em que na sua vida entrara o retornado. O qual não tinha o estofo de ladrão, presumo, e quase disso estou segura.

Ser ladrão era um estado transitório, enquanto procurava entender literalmente esse novo discurso onde cada palavra conhecida chegava distinta, bem outra, com um distinto conteúdo.

Rudolfo é real. O gravador que tenho na memória (e que ligo, instintivamente, quando em espaço sagrado) não deve ter traído em muito o importante das nossas conversas.

## XXXVIII

Um livro de ficção que me trouxe a nostalgia do tempo.

Sou tentada a revelar que para criá-lo fui às minhas raízes, lá onde o nojo nunca nos chega à boca, e é tépido o hálito, e o leite se derrama em inter-troca.

Mas, explico: Assentando numa história verdadeira, cresceu esta em importância, tornou-se imprescindível o eu contá-la.

Posso também dizer desse inferno ou regozijo. Dessa hora. Ela mesma, descendo soberbo desfilar, prolonga-se em campo adestrado por mil sombras, acerca-se com êxtase — a hora de dar nome a uma personagem é hora de fogo e de iminência.

Lembramo-nos bem da primeira conversa de Rudolfo. Reconhecemos-lhe o nome fabulado, uma grande corola no imaginário do jovem arrancado ao chão Angolano, jovem dado à alegria de espiar a senhora



daquele prédio, telefonar-lhe durante mais de um ano, chegando até a violentar a sua porta, porque tal porta era uma luz que se acendia, era o inocente contacto necessário, um real esvaziado de perdas e ausências.

Assim, deixemo-lo com este nome de Rudolfo. O fio do telefone nem sempre representou uma estrada. Foi também muro. Do lado de cá, ouvi-o (senti-o?) muitas vezes manejar a escultura no atelier, quem sabe se tornando-a polida e pronta para novas perspectivas.

Do lado de lá, o seu existir seguia a pé, sozinho, com um requiem repetido à altura do sol, e o sol batendo nele tinha dedos e tinha raiva, a convincente mecânica do processo que não é coisa alguma e que porém é tudo.

## XXXXIX

Então, deixemo-lo. Rudolfo driblou seu próprio nome. Talvez em luta corpo a corpo, ideando a transmutação, a promessa, a verdade que há no mito, a posse de outra identidade, o prazer inaudito de ser outro.

Compreendo que me falta dizer o essencial.

Gastou-se o lápis, entornou-se a tinta para escrevê-lo.

Eu procurava, ao mesmo tempo, não referir o inútil, o que todo o mundo sabe. Mas sou eu exactamente que preciso desta lei: Nenhum ser humano deve ser apartado da sua ficção.